

## Apresentação

Quando morre alguém que se ama e admira, às vezes se tem a necessidade de lhe traçar o perfil. Não para glorificá-lo, menos ainda para defendê-lo; não para a memória, mas para extrair dele essa semelhança última que só pode vir de sua morte, e que nos faz dizer 'é ele'. (DELEUZE, 1992, p. 127).

Começamos com esse trecho do autor preferido de Alexandre Rocha da Silva (o homenageado desta edição) por julgarmos que as palavras de Deleuze fazem eco com o nosso propósito e o nosso desejo. Esse é um caminho para dizer “esse é ele” e reconhecer o trabalho de um profissional promissor, um modo de expressar nossa admiração pela sua capacidade intelectual, uma forma de materializar nosso apreço por sua produção científica, mas também uma maneira de oferecer nosso afeto e carinho pelo companheiro de jornada.

Todavia, quando nos pedem uma homenagem ou um comentário acerca de Alexandre, nos colocamos diante de três trabalhos: o trabalho do luto, o trabalho de herdar e o trabalho de eleger o que desejamos memorar. Aqui, nos dedicamos a esse último, ou seja: o que persiste, o que merece ser dito, o que fica? E, mais que isso, como elaborar dentre o conjunto de ideias brilhantes, que agora habitam esse espaço paradoxal da ausência e da presença, o nosso próprio luto intelectual, que também é nossa vida?

Essa homenagem ao Alexandre traz, portanto, uma potência que precisamos tirar dela, fazê-la variar. Uma substância que nos permite acreditar em outros caminhos para a continuidade. Essa é uma forma de não só mostrarmos nosso reconhecimento a sua intelectualidade, mas, também, é um espaço fundamental para fazer proliferar a potência dos conhecimentos por ele produzidos e dos seus fazeres políticos. O pesquisador que o habitava era comprometido com a qualidade teórica, mas também com a invenção. Era sabedor que a pesquisa se conecta à construção de conhecimento, mas também à criação, ao partilhamento e ao tensionamento.

Alexandre não se comprometia com o imobilismo, aceitava e procurava a desestabilização. Na contramão do que identifica Bourdieu (1994) no campo científico – a legitimação da ciência que se organiza a partir do estatuto do campo sobre as condições de poder – nosso homenageado enaltecia a atividade crítica, fundamental para a compreensão e para a prática científica. Seu olhar não era habituado e, pelas obras de autores pós-estruturalistas, buscou outros modos de ver seus objetos de investigação. É assim que ele

operava sobre a atitude crítica, a ética e a consciência de suas ações científicas e suas *práxis*. É assim que se pôde perceber nele um pesquisador empenhado bem mais na busca do conhecimento do que do reconhecimento; um professor comprometido com os interesses do entorno social e com as demandas cidadãs e educacionais.

Alexandre era, sem dúvida, um pesquisador que se distinguia e um professor por vocação e desejo. E se preparou para isso na sua formação, da graduação ao doutorado, e aos 33 anos já era professor e pesquisador de pós-graduação. Sua aproximação com a Semiótica se deu no segundo semestre da graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A continuidade da paixão por essa ciência se concretizou em 1996, ao iniciar o mestrado em Semiótica na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) que, na época, tinha essa área de concentração. Ao longo de sua vida acadêmica, a Semiótica e a Comunicação se tornaram diretrizes para suas pesquisas e atuação docente.

Ele fez da Semiótica um projeto. Projeto epistemológico, projeto histórico, projeto crítico, projeto de vida. Talvez mais que isso: projeto político. Abrir-se aos signos, como sempre insistiu Santaella (1983), mas jamais abrir-se de forma inocente. Não há signo dado, todo signo é fruto de um trabalho, de uma produção, como sempre alertou Julia Kristeva (1974); é questão de apropriação. A semiótica nunca está lá fora, constituída por si: ela precisa ser construída, e sempre coletivamente. O mundo é projeto coletivo, projeto de intervenção, de construção de uma verdade puramente semiótica: a verdade como multiplicidade.

Era pela tensão produzida no interior da própria semiótica e pelo exame de suas fases que Alexandre entendia seu projeto da Semiótica Crítica. Uma semiótica que resguarda as potencialidades estéticas da primeira fase, a consistência e sistematização da segunda, mas que não se deixava prender pela insistência do imperialismo dos modelos sobre o mundo da significação. É preciso fazer a crítica da semiótica, a crítica política, mas também inconsciente, de forma a elaborar um sistema enquanto heterogênesse. A semiótica crítica de Alexandre poderia ser pensada como máquina colocada contra a semiótica mesmo, contra seus modelos, contra suas escolas, contra seus princípios. Fazer da semiótica uma dispersão, rachar suas unidades, encontrá-la onde menos esperamos. A afirmação da semiótica como um sistema de produção de diferença, como heterogênesse, precisa passar por esse processo de diferenciar-se de si: desconstruir a semiótica por dentro.

Por isso, nunca devemos tomar o mundo como natural, como dado. Como insistia Gilles Deleuze (1992), descobrir como o dado é dado, quais são os processos semióticos pelos quais o mundo nos aparece enquanto mundo. Aqui, a noção de uma empiria inocente perde

toda força e a pesquisa volta-se a uma dimensão de investigação de construção do mundo. Seguindo de muito perto o projeto de uma filosofia pragmática, Alexandre sempre entendeu a semiótica como um dispositivo que tomava, como seu fundamento, o fato de que o mundo estava em constante processo de construção, jamais finalizado.

Se Peirce se revoltava contra o argumento de autoridade, no sentido individual do conceito, Alexandre se colocava contra toda e qualquer autoridade interpretativa. O mundo, aquilo que dele somos capazes de apreender, se apresenta como passado: o real está lá atrás, a verdade no nosso horizonte. Começar pelo meio é tomar o real como algo que precisa de intervenção urgente em direção à semiose como verdade. E, assim que enunciada, assim que apropriada, compreendê-la já como parte de um real ultrapassado. Falibilismo cruel, que só pode ser compreendido enquanto desconstrução. Desconstrução, mas também dispersão: toda unidade é ideológica. É preciso rachar as palavras e as coisas, trazer à tona sua dimensão operatória e transversal. Aí que aparece mais um dos refrãos de Alexandre: a semiótica é projeto político, mas também é projeto do inconsciente.

O que faz com que um coletivo de signos, cuja abertura é radical, se cristalice em um enunciado, um hábito, uma lei? É política? Sem dúvida, mas são também micromovimentos inconscientes, aos quais é preciso estar sempre atento – e forte. A semiose é questão de dispersão: tanto do ponto de partida, quanto do ponto de chegada. A semiótica sempre tratou de política, mas também de uma política do inconsciente dos signos – ou, em termos mais correntes, uma micropolítica.

A epistemologia defendida por Alexandre se refletia, também, em suas atitudes e habilidades que tentamos traduzir: sempre foi muito jeitoso para fazer parcerias, conquistar pessoas pela amistosidade e simpatia, tanto na vida profissional como na vida pessoal. Tinha o talento de identificar a potência do outro, ao mesmo tempo que mostrava integralmente a força que nele vivia. Ele tinha o poder de estimular a reflexão, desacomodar e tensionar teorias e pessoas, seja numa sala de aula, seja na mesa de um bar. Tinha o poder da contaminação: contagiava pessoas com suas ideias, com o desejo de escavar e construir conhecimento. Aliás, contaminar pessoas com o desejo pelo conhecimento, seduzir para reflexão crítica, corromper os desinteressados a adentrar o território da Semiótica e da Comunicação, perverter indivíduos para o coletivo. Para a multidão foram grandes qualidades do Alexandre.

Tendo o coletivo como princípio, ele construiu sua obra em parceria com seus orientandes, na base da troca, da união, do tensionamento, da diferença e da multiplicidade,

tornando-se uma bússola inspiradora. Ele acreditava, afinal, na afirmação da potência de vida nietzscheana (1966). Fazer variar alguns pontos do pensamento de Alexandre, desconstruí-lo como ato de leitura enquanto estudantes, orientandos, colegas, amigos, leitores/as, talvez este tenha sido um dos pontos que o caracterizou sempre como pensador. A tradutibilidade de si em outrem, a variação de um eu que já era sempre outro. Esse inconsciente semiótico, que atravessava sua pesquisa e a de seus orientandos, só poderia ser realizado em grupo. Nunca se tratou de uma perspectiva individual, de um enunciado isolado, de uma tese autoral. Era preciso fazer-se múltiplo, agir para que as pesquisas pudessem transbordar umas nas outras, em polinizações cruzadas imperceptíveis e imprevisíveis. Eis o que Alexandre traduzia como comunidade de investigação, no sentido mais estrito de seu peirceanismo heterodoxo.

A organização desta edição, a escolha dos textos e sua ordenação partiu, pois, de uma polinização cruzada com aqueles que foram orientandos do Alexandre, permitindo o transbordamento dos pontos luminosos de sua obra. A colaboração de todos foi muito importante, assim como o apoio inestimável da equipe da revista. Nesse momento, gostaríamos de agradecer à colaboração intensa de todos que participam desta edição da revista, desde a elaboração da lista de textos, de sua redação, avaliação, revisão e correção. Em especial, gostaríamos de fazer um agradecimento à equipe atenciosa e dedicada da Revista Intexto, e em especial à Natascha Helena Franz Hoppen. Sua atuação na construção deste dossiê foi fundamental, não apenas do ponto de vista de seu trabalho de extrema excelência, mas também por seu acolhimento e sensibilidade na construção desta homenagem. Um dos grandes orgulhos do Alexandre, em seus últimos anos, era sua atuação na Intexto, e essa atuação foi atravessada, em grande medida, pela forte parceria que constituiu com Natascha. Estamos agradecidos, também, pelo convite dos editores/as Basílio Sartor, Suely Fragozo e Thais Furtado, pelo acolhimento e por terem aberto as portas da revista com tanto carinho.

Como o/a leitor/a pode perceber, estamos atravessados por muitas lembranças e, juntamente com a saudade, o pensamento desse pesquisador de trajetória qualificada se tornou um eixo que nos conduziu na produção desta edição, cujo objetivo é iluminar memórias. Há, portanto, uma felicidade em rememorar a produção científica de Alexandre por meio de seus artigos, de artigos escritos com orientandos e de artigos escritos por conhecedores de sua obra. Assim, esta edição nos alenta, mas, sobretudo, é uma trilha para a continuidade e permanência de uma obra competente no campo da Comunicação. Aliás, a

obra de Alexandre – se é que podemos usar esse termo que tanto o incomodava – se dá como produção de pensamento, e não como axiomas ou proposições. Há um modo maquínico e arquitetônico de proceder, um funcionamento, cujos contornos talvez possam ser delineados, ainda que levando em consideração os riscos que estamos dispostos a assumir.

Chegamos, então, ao desenho desta edição por meio de platôs, como pontos de intensidade das pesquisas desenvolvidas por Alexandre e, nesses platôs, identificamos pontos luminosos configurados em artigos. Os/as leitores/as encontrarão, portanto, cinco platôs nesta publicação: Império e dispersão; Audiovisualidades; Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros; Semiótica Crítica (materialidade, acontecimento, micropolítica). São artigos republicados mas também inéditos, de autoria individual do Alexandre, de autoria dele com seus orientandes, de autoria de pesquisadores/as que conheciam proximamente suas investigações.

O platô **Império e dispersão** conta com três artigos, oriundos das suas primeiras fases de pesquisa, trazendo temáticas relativas às minorias, à dispersão e ao conceito de Império. Os artigos “Produção jornalística de sexualidades: como a Folha de São Paulo mediatizou os debates sobre União Civil Homossexual no Brasil” e “A dispersão na semiótica das minorias” são republicações de artigos escritos por Alexandre a partir de sua pesquisa de mestrado, e demonstra já uma preocupação com a produção semiótica e a forma pela qual há uma dispersão em sua construção. Já o artigo “A morte do homem e o império da intertextualidade: uma experiência tropicalista” trata do tema da estética, em específico como a música popular brasileira indicaria, através da intertextualidade de determinadas canções tropicalistas, um caminho para o que era anunciado por Foucault como a morte do homem.

O platô **Audiovisualidades** marca seu ingresso como pesquisador no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. O artigo escolhido, “TeleELISvisiva”, é uma republicação e trata de uma das mais importantes intercessoras ao pensamento de Alexandre, Elis Regina, e como ela poderia ser compreendida como uma cantora propriamente audiovisual. Nesse texto, Alexandre mobiliza o conceito de audiovisualidade, desenvolvido no interior das pesquisas junto ao grupo de pesquisa GPAV, da Unisinos.

Um artigo compõe o platô **Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros**, que também se dedica ao audiovisual, mas, desta vez, busca articular uma teoria do cinema brasileiro a partir da produção dos seus cineastas, o primeiro projeto que desenvolveu como pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O artigo “Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros sobre o audiovisual: arqueologia, semiótica e desconstrução” é uma

publicação inédita que remonta os princípios teóricos que organizaram a pesquisa, além de apresentar resultados da análise a partir da obra de três cineastas: Glauber Rocha, Júlio Bressane e Rogério Sganzerla.

O quarto platô, **Semiótica Crítica**, é resultado de uma pesquisa desenvolvida em nove anos e que se dividiu em três eixos: materialidades, acontecimento e micropolítica. Três artigos correspondem às fases correspondentes da pesquisa. “A aventura crítica da semiótica” diz respeito à apresentação ao conceito de Semiótica Crítica e é uma republicação do texto que serve de abertura ao livro escrito coletivamente com o Núcleo de Pesquisa Semiótica Crítica (NPESC)<sup>1</sup>, publicado pela editora da UFRGS, em 2020, sobre a relação da semiótica com a perspectiva das materialidades da comunicação. Já os textos “Micropolíticas: devir, cooperação dissonante e experiência pura” e “Acontecimentos do acontecimento na Comunicação: a perspectiva da Semiótica Crítica, da semiose à contra-efetuação”, são textos inéditos, escritos em parceria com o Núcleo de Pesquisa, que discutem, respectivamente, os conceitos de micropolítica e de acontecimento na perspectiva da Semiótica Crítica. A natureza coletiva da autoria desses artigos marca de maneira central o desenvolvimento desse período da produção de Alexandre, que se expressou pela tentativa de elaborar uma experiência de pesquisa realizada enquanto grupo e de maneira horizontal. Ainda neste platô, constam os textos “Uma reserva de mundo: as materialidades da comunicação no projeto da Semiótica Crítica”, escrito pelo pesquisador Fabrício Silveira, que faz uma apreciação crítica do projeto da Semiótica Crítica, e o texto “A cartografia como expressão da sensibilidade: abdução, rizoma e criação”, da orientadora de mestrado e de doutorado de Alexandre, Ione Ghislene Bentz, a partir de provocações suscitadas pelo pensamento do orientador nessa fase.

Por fim, o platô **Política pragmaticista e as configurações da comunicação**, conta com três artigos inéditos. O primeiro, “Por uma semiótica política”, escrito por Alexandre em parceria com Lúcia Santaella, que foi sua tutora de pós-doutorado, diz respeito à articulação entre política e semiótica que Alexandre vinha perseguindo nos seus últimos anos, e é resultado de seu estágio de pós-doutorado na PUCSP. O artigo inédito “Semioses das semioses do golpe: reflexões semiótico-políticas da trilogia do golpe”, escrito pelos mais próximos colegas de pesquisa de Alexandre, trata de uma revisão crítica da atuação de Alexandre no GT Semiótica da Comunicação da Intercom. Por fim, o artigo também inédito “Notas para as configurações da comunicação: semiótica crítica e política”, escrito por orientandos de Alexandre, faz uma sistematização do projeto de pesquisa mais recente de Alexandre e que foi

<sup>1</sup> O Núcleo de Pesquisa Semiótica Crítica faz parte do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC).

interrompido pela sua morte precoce. Esse texto dá continuidade à pesquisa, que segue em desenvolvimento pelo grupo NPESC.

Como último texto do Dossiê, publicamos uma entrevista inédita com Alexandre, realizada por Laura Ferreira Guerra e Ana Javes Andrade da Luz, em um diálogo que conecta a Semiótica Crítica às implicações do isolamento social (pela pandemia de Covid-19), da política e da razão científica.

Para finalizar, trazemos mais uma vez Deleuze, desta vez em trecho de entrevista em vídeo à Claire Parnet (1988-1989) e que diz um pouco daquilo que encontrávamos em Alexandre: charme. Deleuze (1988-1989) afirma que “ser amigo de alguém é uma questão de percepção. Não é a partir de ideias em comum, mas de uma linguagem em comum”. Essa relevância da linguagem em comum se manifesta pelo entendimento da expressão do outro. O autor completa: “Tenho uma hipótese: cada um de nós está apto a entender um determinado tipo de charme”. E, assim, Deleuze compreendia que as pessoas só têm charme em sua loucura. Disse ele na mesma entrevista: “se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não pode amá-la”. Torna-se importante, então, saber perceber esse charme em suas delicadezas em coisas mínimas e é assim que tentamos perceber o charme do Alexandre:

[...] um gesto, pensamento – mesmo antes que este seja significante –, um pudor de alguém são fontes de charme que têm tanto a ver com a vida, que vão até as raízes vitais e imediatamente você acha que aquela pessoa é sua - não no sentido de propriedade, mas é sua e você espera ser dela. Neste momento nasce a amizade. (DELEUZE, 1988-1989).

Tenham uma ótima leitura!

**Nísia Martins do Rosário**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3484-8029>

**André Corrêa da Silva de Araujo**

Associação de Práticas e Pesquisas em Humanidades, Porto Alegre, RS, Brasil,  
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3579-2963>

## Referências

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu** : sociologia. São Paulo: Ática, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.